

CLÍNICA COM *INFANS*:  
EFEITOS DE LINGUAGEM NO PRIMEIRO ANO DE VIDA

INFANT PSYCHOANALYTIC TREATMENT:  
THE IMPACTS OF LANGUAGE ON THE FIRST YEAR OF LIFE

Adriana Fontes MELO  
(Pontifícia Universidade Católica da São Paulo – PUC/SP - LAEL)  
adrianafontesm@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo problematiza as expressões de linguagem nos primeiros meses de vida, a partir do discernimento, no corpo do *infans*, de sinais que insistem em contraposição à esperada harmonia no laço que o outro propõe para atar-se ao bebê. Pais e bebê chegam à clínica psicanalítica quando o médico não reconhece nesses sinais indícios de sintomatologia orgânica. Admitindo o corpo como lugar de registro singular desse efeito perturbador, recorro a um evento clínico para diferenciar uma ação ocasional de uma marca psíquica distintiva. Afinal, certas incidências referem-se a uma separação em curso, precipitada como configuração sintomática de um funcionamento psíquico.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; pais e bebê; sintomatologia orgânica; psiquismo.

**ABSTRACT:** *This article aims to discuss the expression of language in the first months of life, from the discernment, in the body of the infant, of signals that insist in opposition to the expected harmony in the ties the other proposes to attach itself to the baby. Parents and babies arrive at the psychoanalysis treatment when the physician does not recognize the signs of organic symptomatology. Assuming the body as a place of singular register of this disturbing effect, I refer to a clinic event to differentiate an occasional action from a distinctive psychic mark. After all, certain occurrences refer to ongoing separations, precipitated as symptomatic configuration of a psychic functioning.*

**KEYWORDS:** *language; parents and baby; organic symptomatology; psychism.*

## 1. Introdução

Duas décadas de experiência clínica da Psicanálise com o *infans* atestam que o tratamento pode se dar sem a palavra do sujeito. O vir a ser sujeito é falado, lido e interpretado, sendo, portanto, inscrito como sujeito. Marcado pelo simbólico, ele fala com seu corpo, gestos e sons.

Em seu *Projeto para uma psicologia científica*, já em 1895, Freud afirma que o nascimento é um ato de ruptura. Essa primeira experiência do neonato perturba a economia de seu organismo, uma vez que é um corte biológico que divide esse organismo e a placenta de sua mãe. Esse ato expõe o neonato ao desamparo, ao mesmo tempo que o impulsiona à sobrevivência, alienando o *infans* ao seu outro primordial. Entretanto, do ponto de vista do psiquismo, essa separação ainda será tarefa difícil e dolorosa que a criança deverá enfrentar.

Freud (1895/1976:397) constata que o organismo humano é, a princípio, *incapaz* de efetuar qualquer ação específica<sup>1</sup>; o que lhe escapa é o *grito* - estado de urgência expresso por via de uma descarga. Descrita como mola pulsional, essa fonte de excitação situa uma tensão que rompe com o princípio de inércia do neonato, expondo esse *ser desamparado*<sup>2</sup> às *exigências da vida*. Revolucionária, essa constatação aponta o desamparo de origem como "*fonte primordial de todos os motivos morais*" (1895/1976: 370). O efeito do encontro do ser com o outro implica a comunicação na medida em que, submetido ao campo da linguagem, esse outro é convocado a escutá-lo. Por sua vez, essa expressão de descarga, como bem define Pommier (2005), situa o início da aventura humana: *o grito é a última potência da impotência*. A potência do *grito* que eclode, escapando do organismo, pode alertar o outro para a urgência vital do neonato, mas seu *vir a ser* porta o sinal da *angústia original*, descrita por Lacan (1962-63: 400) como: traço essencial no ato do nascimento que localiza, no vivo, algo em torno de si, com o qual ele nada pode fazer.

Lacan (1962-3: 400) reconhece nesse ato uma tensão traumática, advertindo que não é a separação da mãe que provoca o trauma, mas a aspiração do ambiente fundamentalmente outro. Portanto, é mesmo na emergência de um trauma que a ruptura separa corpos, rompendo uma unidade biológica que é imediatamente restabelecida em uma unidade psíquica, já que a mãe antecipa, no vivo, uma posição de sujeito; isso culmina na alienação do *ser de*

---

<sup>1</sup> Freud usa o termo "ação específica" para designar uma ação única, específica onde, o acolhimento que o adulto (outro) presta ao neonato é capaz de modificar o ambiente e com isso, o próprio organismo do vivo é modificado.

<sup>2</sup> Referência freudiana ao *estado* inicial do ser humano: impotente para realizar qualquer ação que ponha fim à tensão interna.

necessidade à posição de objeto materno. Contemplada pela satisfação propiciada pela amamentação, a própria criança reconhece o seio como objeto pelo qual estabelece interface com a mãe, localizando-o nas primeiras relações de troca. Alienada ao seio pode, gradualmente, suportar a temporalidade de suas aproximações e distanciamentos determinados pela mãe.

## **2. A realidade da criança na relação com o desmame**

O processo de desmame é compreendido pela interrupção da amamentação: seja pelo adulto ou pela criança. No primeiro caso, a mãe, quando finaliza a licença maternidade, ou o pediatra, quando prescreve a substituição das mamadas por outros alimentos, são motivos, entre outros, para o desmame. No segundo caso, podemos ressaltar um movimento da criança que “não pega o bico”, depois de ter tido acesso à mamadeira ou a outro objeto a que se ligou, perdendo seu interesse primário no seio.

Se os adultos podem determinar ou justificar razões para o desmame, não podemos obter o mesmo do lado do *infans*. Acompanho Lacan (2003: 355) sobre o que ocorre do lado da criança, numa descrição que é, ao mesmo tempo surpreendente e passível de ser rememorada por mães que amamentaram:

Em essência, não é verdadeiro que a criança seja desmamada. Ela se desmama. Desliga-se do seio, brinca. Após a primeira experiência de cessão, cujo caráter já subjetivado é sensivelmente manifestado pela passagem em seu rosto, dos primeiros sinais que esboçam nada menos que a mímica da surpresa, ela brinca de se soltar do seio e torna a pegá-lo.

O que Freud (1976[1920]) localiza nessa brincadeira ativa é um trabalho simbólico do bebê, cujo movimento antecipatório propulsiona a brincadeira com o carretel que Freud nomeou *Fort-Da*<sup>3</sup>. Sem a sofisticação do jogo simbólico por meio do qual o corpo da criança é representado por um carretel amarrado a um cordão, Lacan comenta que a criança se desliga do seio e brinca, permitindo inferir que é com o próprio corpo que o bebê encena.

Lacan (1962-3: 401-402) se refere a essa brincadeira como suporte para a angústia provocada pelo desaparecimento desse objeto, que é seu, mesmo que escape, sem que ela possa dispor dele a qualquer tempo. Reconhece-se que esse jogo do bebê reprisa a vivência de satisfação, ao passo que precipita e elabora sua relação

---

<sup>3</sup> Termo alemão para nomear a brincadeira do lançar e puxar de volta um carretel acompanhada pelo expressivo som “o-o-o-o” representando o ir embora – *fort*, e saudava seu aparecimento com o proferimento de um “da” – aqui. (Freud, 1920/1976: 26).

com a perda de um objeto primitivamente produzido, produto da angústia.

Contudo, a experiência na clínica psicanalítica com bebês pode nos implicar em uma reflexão interrogante: o fato de um bebê que, por volta dos 6 meses, para de mamar. Sua mãe descreve que o seio era ofertado, mas o bebê chorava e não sugava, por vezes até mordida. Meses depois, constatado o prejuízo na constituição desse bebê, é com base na recusa alimentar não justificada por disfunções orgânicas atestadas por exames pediátricos que o psicólogo da creche encaminha a criança, com seus os pais, para um tratamento psicanalítico.

Dado que, no desmame, tomamos o adulto como agente ou admitimos que a maturação do bebê o encaminhe para outros interesses, é interrogante que seja atribuída ao bebê uma interrupção sem deslocamento objetual. Parar de mamar, morder ou gritar diante do seio aponta algo além do que ocorre numa operação de desmame; aponta para uma manifestação de angústia na criança. Expressão que se consolida na recusa alimentar trazida como sintoma da criança mas que, na recuperação sobre a história desse *infans*, pode ser identificada no episódio em que “para de mamar”.

O traço essencial de intrusão radical, apontada por Lacan (1962-63), localiza a responsabilidade da criança em separar-se. Freud (1926) afirma que é apenas pela separação, como fenômeno, que o nascimento e o desmame coincidem. No âmbito do psiquismo, há uma diferença radical do ponto de vista do *infans*: uma posição passiva ao nascimento - exposto ao mundo exterior sem o mínimo de elaboração psíquica; e ativa no desmame - posto que teve na amamentação as primeiras vivência psíquicas. Essas serão também, para Lacan, as matrizes elementares para a criança desempenhe seu papel na encenação da tragédia silenciosamente anunciada: perder seu objeto de satisfação.

Lacan subverte a concepção freudiana de objeto, para localizar o caráter não objetivável do seio, denominando-o objeto  $a^4$ , instância perdida que representa uma falta original e essencial, e que funda o ser do desejo. Referência criada pela necessidade imposta pelo campo da linguagem, o objeto  $a$  segue mais além da necessidade que o motiva: na amamentação, por exemplo, não há leite que satisfaça a demanda do *infans* pelo seio.

Lacan (1959-60) retoma um termo de Freud (1950 [1895]) - *das Ding* (a coisa) - para expressar uma falta que vai além de todos os atributos. Entretanto, a coisa em si não é o objeto  $a$ , *das Ding* vem

---

<sup>4</sup> Designado por Lacan, o objeto “pequeno  $a$ ”, não é um objeto do mundo ou algo que se representa como tal. Digamos que pode ser identificado sobre a forma de um “brilho” (usando a referência freudiana do significante “brilho no nariz”) que ressalta a parte do corpo de grande interesse do ser/sujeito em destaque na ocasião. Exemplos clássicos são: o objeto de sucção (o seio), o objeto de excreção (fezes), o objeto de comunicação (a voz) e o olhar.

em seu lugar, como um representante - produto da angústia sentida na falta inaugural. O objeto *a* é o nome dado por Lacan (1962-63: 401) ao primeiro suporte de subjetivação da relação do ser com o outro: esse objeto causal “é no qual ou pelo qual o sujeito é requisitado, inicialmente pelo outro, a se manifestar como sujeito, sujeito de pleno direito”. Para responder ao desejo desse outro, o *infans* se constituirá em relação a esse objeto causa de desejo. Considerando o desejo da criança como desejo do Outro<sup>5</sup>, compreendemos a articulação de Lacan no sentido de um desejo de desmame na criança, ou mesmo de um desejo da criança em separar-se (1962-63: 400).

Lacan (1938: 37) descreve uma crise vital acompanhada, pela primeira vez, de uma crise do psiquismo. O efeito no psiquismo é solução que tem uma estrutura dialética. Essa ambivalência se situa no compasso dessa operação, e é evidenciada na função de separação que tem o desmame.

Contudo, a posição ativa da criança no processo de desmame depende de condições mínimas: de que ambos estejam submetidos ao campo da linguagem. É com essa advertência que recolhemos um traço essencial, que nos posiciona na mira do enigma, no que antes fora assimilado como “decisão” do bebê. Cena que a interpretação materna põe em palavras, evidenciando sua própria queixa, na função de outro materno; aquele que, munido dessa alteridade, reporta e interpreta eventos da realidade dessa criança.

### **3. Do sintoma às fixações**

Sabemos que, na clínica psicanalítica, o sintoma é algo cifrado. Na conferência em que se dedica aos caminhos da sua formação, Freud (1916-17: 427) refere que os sintomas

criam, [...] um substituto da satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a épocas de desenvolvimentos anteriores, regressão que necessariamente se vincula a um retorno a estádios anteriores de escolha objetal ou de organização.

E é nisso que se vincula a uma fixação justificada numa satisfação libidinal que temos a origem traumática do sintoma.

A fixação consiste no fato de a libido se ligar fortemente aos conteúdos representativos que teriam origem em suas próprias fantasias inconscientes. Ligar a fixação dos objetos à fantasia ou à vivência possibilitaria que cada um, que cada sujeito os fixasse à sua maneira.

---

<sup>5</sup> Pode-se observar que a grafia recebe uma letra maiúscula. O outro, grafado com minúscula, é o agente da linguagem; enquanto o Outro é a própria linguagem.

Lacan (1938) contribui com um detalhe que certifica a origem da fixação numa fixação do *instinto*. Aponta-o nesse impulso interior – algo comum a todos da espécie humana – que não se diferencia por identificação ou experiência do sujeito: diz respeito à ligação privilegiada da libido ao lugar dos objetos primários. Ambos, Freud e Lacan, não discordam quanto ao fato de que a fixação ocorre por meio das formas dadas às representações. Eleitas pelo sujeito, as representações estarão em consonância à realidade psíquica vivenciada no encontro do sujeito com o Outro - a *imago*.

Freud (1916-1917) exemplifica a fixação com um bebê que sugava com avidez o seio materno, mas que, posteriormente, apresentou uma intensa aversão a tomar leite. Além disso, prevê que essa reação pode ainda aumentar para uma repugnância, ampliando a aversão a tomar o leite para contextos em que esse objeto de rejeição esteja presente. Classificado como banal, esse exemplo de ocorrência frequente finda por apontar mais uma articulação genial desse pensador: “entre as duas situações [satisfação na amamentação e posterior aversão a leite], coloca-se a experiência do desmame, com seus efeitos traumáticos” (Freud, 1916-1917: 427-428).

Existe algo além do modo como o desmame se desenrola entre a mãe e a criança; há o desconhecido, o que não aparece como reflexo direto da maneira como essa experiência se deu, mas estará lá, fixada à libido da criança. Essa libido, aqui compreendida como satisfação, será correlativa ao desejo do sujeito neurótico, que nada tem a ver com a verdade ou mentira do acontecimento, mas com o modo como o sujeito lida com o mundo. Nas palavras de Freud (1916-1917: 429), a realidade psíquica “é o reduzido valor concedido à realidade [fato real, verdade], é a desatenção à diferença entre realidade e fantasia”.

#### **4. O complexo do desmame: um operador de linguagem**

Lacan (1938: 34-35) evidencia que a unidade de um complexo está “ligada a uma etapa vivida da objetivação”, a qual “se revela como causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência – atos falhos, sonhos e sintomas”. É desse modo que o curso de representação dessa trama liga de forma *fixa* um conjunto de reações concernentes às funções orgânicas, emocionais e condutas adaptadas ao objeto, o que justifica que Lacan (1938: 33, grifo nosso) defina o complexo por “*uma certa* realidade do ambiente” que ele reproduz, ou seja uma representação da realidade em cena.

Essa representação se dá num processo entre: a gênese, o ato do nascimento, por exemplo - etapa que liga o sujeito à realidade de sua origem; e sua atividade - dinâmica do ser. Porque foi amamentado, essa atividade tem no desmame a referência à subversão da fixidez instintiva, que repete na vivência a realidade fixada no complexo. Assim, cada nova forma de conflito surge com

referência a um outro que o antecede: isso caracteriza a ordem humana, afirma Lacan (1938: 34), capaz de subverter qualquer fixidez instintiva, ampliando as formas fundamentais da cultura, repletas de variações infinitas.

O trauma do nascimento, por exemplo, é um conflito que conta com a amamentação para a resolução da fixidez instintiva. É porque o seio não está ao alcance de uma virada de cabeça do bebê, que este apela para que o seio compareça. E é porque nem sempre a mãe acerta na leitura do apelo que um novo conflito surge, referenciado ao precedente, num processo que integra e, ao mesmo tempo, identifica o ser ao objeto causa do conflito.

Liberto da fixidez instintiva, esse eu arcaico mantém-se como unidade eu/outro, numa alienação fundamental, que logo será perturbada, naturalmente, num processo dinâmico movido por um novo conflito, capaz de deslocar o interesse do bebê pelo objeto em cena, para um outro objeto, criando uma nova situação, sem perder, contudo, a intensidade de seu investimento.

A capacidade de sublimação é condição necessária para o vivente estar aberto à construção da imago, protótipo de imagens inconscientes orientado pelo modo como o ser apreende o outro. É nessa relação dramatizada entre a emergência do grito e a modalização do apelo, num percurso que ensaia ou ratifica o estabelecimento da demanda, que situamos o desmame.

O desmame implica um conjunto de representações afetivas, que orienta uma ação temporal. Ação que implica a passagem de um campo para outro, como se refere Lacan à experiência subjetiva em *Agressividade em psicanálise* (1948) – uma operação psíquica que demonstra sua eficácia no efeito de deslocamento. Ainda na esteira dessa ação temporal, encontramos nesse texto uma manifestação subliminar de intenção agressiva que nos interessa reportar, uma vez que supõe um sujeito que se manifesta em resposta à intenção de um outro.

Lacan constata que a eficácia própria da existência dessa agressividade se justifica na ação formadora de um indivíduo submetido às pessoas das quais depende. É com interesse nessa ação formadora do sujeito que seguiremos num retorno investigativo sobre essa subjetividade arcaica, primitiva, que ocorre no desmame. Depreendemos que o que acontece nessa ação de agressividade é que esse Outro com o qual o *infans* se identifica “toma” o seu lugar, de modo que podemos entender essa ação agressiva como um efeito da própria experiência de alienação.

Longe de ser uma manifestação de violência, essa é uma experiência de delimitação, um primeiro aspecto da separação. Depois que o ser se reconhece no Outro – ou seja, alienando-se –, essa relação passa a ser ameaçadora. Isso implica a dinâmica psíquica do humano, na simultaneidade de seu oposto, desencadeando uma hostilidade que aparece como ação para justificar a separação.

Nessa relação de agressividade, a criança que interrompe precocemente o aleitamento materno parece responder às contingências da precariedade operatória da linguagem. Não se trata de um encontro simbiótico, nem de um desencontro total, mas de um encontro discordante, já que se funda no campo da diferenciação.

## **5. Um ato como expressão de linguagem**

O complexo do desmame se refere à trama que promove a primeira marca psíquica de separação entre o sujeito e o outro materno, podendo representar um corte simbólico ou traumático. Isso dependerá da experiência da criança com a repetição da vivência, a ponto de fazer dessa repetição uma continuidade na qual a ausência do seio não signifique a ausência da mãe.

Essa marca subjetiva é uma inscrição que “deixa no psiquismo humano a marca permanente da relação biológica que [a regulação cultural] interrompe” (Lacan, 1938: 37). Podemos então inferir que, devido à predominância da multiplicidade cultural, o psiquismo humano se distancia radicalmente do instinto animal; o psiquismo implica o humano numa crise de ocorrência simultânea entre corpo e mente. O desmame é, portanto, apontado por Lacan (1938) como o primeiro complexo cuja solução tem uma estrutura dialética; uma estrutura que propicia que uma tensão vital se resolva em uma intenção mental.

Um exemplo de resolução se mostra quando o bebê lança mão do seu próprio polegar para chupar, alucinando o seio que não veio. Pelo menos por um tempo, a intenção mental dá conta da tensão vital: o bebê se acalma. Assim, a satisfação outrora sentida quando o ato de sugar resultava na liberação do leite, agora é sentida como um experiência de frustração, culminando numa crise psíquica que se resolve e torna a se formar na repetição dos eventos. Por isso aprendemos que nem o conjunto de costumes ideais das culturas mais avançadas dão conta de driblar as contingências operatórias que comporta o desmame.

É a intenção mental que indicará que o desmame seja aceito ou recusado, “já que nem sequer pode ser atribuída a um eu ainda em estado de rudimento” (Lacan, 1938: 37). Assim, na falta de um eu que afirme ou negue, propõe que tratemos desses termos como polos coexistentes e contrários, que determinam uma atitude ambivalente em sua essência - referenciados que estão à simultaneidade - alienação/separação.

Essa ambivalência primordial, quando das crises que asseguram a continuação do desenvolvimento, se resolverá em diferenciações psíquicas de nível dialético cada vez mais elevado e de crescente irreversibilidade. Nestas, a prevalência original mudará de sentido várias vezes e, em virtude disso, poderá sofrer destinos muito variados, mas se reencontrará, seja no tempo, seja no tom que lhe

são próprios, os quais ela imporá tanto às crises quanto às novas categorias de que cada um dotará a vivência.

Inferimos as diferenciações psíquicas de nível dialético à premissa dessa relação: o desejo da criança é o desejo do Outro. Ora, de acordo com essa premissa, para a criança desmamar seria necessário que a mãe desejasse o desmame. Isso já nos coloca numa multiplicidade de composições que podem emergir no desmame, a exemplo da mãe que quer desmamar mas seu desejo seria amamentar mais tempo, ou o inverso, a mãe desejaria continuar a amamentar, mas alguma circunstância incentiva uma tomada de posição pelo desmame.

O desejo se refere à falta, ao que se inscreve como falta para o sujeito. E o sujeito que deseja aqui é a mãe. Portanto, é sobre os efeitos da marca do significante materno que o desejo da criança se ligará ao desmame. Diante do exposto, vamos nos referir a um desmame sob a demanda materna. A preposição *sob* indica que a posição da criança está em relação à posição do Outro materno, não importando onde a mãe ancore sua justificativa. A recusa ou o aceite do desmame por parte da criança se dará em consonância a um contexto dialético: entre o que se apresenta como “desejo materno” de desmame e as vivências próprias da criança com o seio. Só assim a criança pode se valer da “garantia” que a mãe lhe dá com seu “desejo” de desmame, para que possa se separar do seu objeto pulsional.

Como efeito de graves perturbações dessa garantia, Lacan (1938: 37) cita as anorexias nervosas, toxicomanias pela boca e as neuroses gástricas; manifestações psíquicas de graves repercussão física que, por meio da experiência psicanalítica, encontram suas causas fixadas no psiquismo durante o desmame. Será que esse achado de impressionante alcance pode nos ajudar a localizar na leitura clínica a queixa: *parou de mamar?*

Parar de mamar não nos permite inferir uma prevalência de aceitação do desmame, tampouco de recusa, posto que temos diante de nós um eu ainda em estado de rudimento, como nos posiciona Lacan (1938:37). Mas, talvez possamos ler na recusa alimentar a expressão de um trauma psíquico nessa criança. A recusa – ocorrência marcada num segundo tempo, catorze meses depois do evento com a amamentação – pode ser lida como um sinal, um efeito de uma situação traumática, por retroação à referência a um objeto fixado no primeiro tempo – por volta dos seis meses, em que a mãe situa o “parou de mamar”. Apostamos, assim, que a recusa alimentar teve origem num trauma fixado por volta dos seis meses. O sintoma, por sua vez, pôde ser lido apenas ao final do primeiro ano de vida.

A coisa traumática, o inassimilável, é valorizada por Lacan (1938: 34) pela importante função que ela tem em apontar para o modo como o objeto se fixa: a “forma representa essa realidade no

MELO, Adriana Fontes. Clínica com infans: efeitos de linguagem no primeiro ano de vida. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 138-148, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

que ela tem de objetivamente distinto numa etapa do desenvolvimento psíquico; essa etapa especifica sua gênese". É esse modo de fixação do traumático que buscamos aqui identificar.

Uma vez que é pela repetição que o sintoma revela sua origem no desmame, acredito poder afirmar que o modo como o objeto foi fixado para o *infans* que para de mamar aponta, no ato, uma expressão empobrecida de resposta à angústia. Uma resposta de desistência, uma inibição, uma falta de mobilidade do corpo para fazer outro movimento. Lemos, na vivência desse ser num primeiro tempo constitutivo, uma resposta que aparece como intenção de anteparo (um estado de inibição como barreira para evitar a angústia), um ato que suspende a amamentação e, assim, impossibilita que o desmame desempenhe uma função operatória.

### **Referências bibliográficas**

FREUD, S. Conferência XVIII (1916-1917). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1977.

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1977.

LACAN. J. Os complexos familiares (1938). In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. L'agressivité en psychanalyse (1948). In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1960.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 4: *A relação de objeto* (1956-1957). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise* (1959-1960). Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. Séminaire X. *L'Angoisse* (1962-1963). Publication hors commerce. Document interne à L'Association Freudienne Internationale et destiné à ses membres. Paris, 1996.

MELO, Adriana Fontes. Clínica com infans: efeitos de linguagem no primeiro ano de vida. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 138-148, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

POMMIER, G. *Qu'est-ce que le "réel"?* *Essai psychanalytique*. Toulouse : Éditions érès, 2004.

Recebido em 18/10/2021  
Aprovado em 23/02/2022